DESENHAR A SOENGA

Ed.
José Paiva
Sílvia Simões

i2ADS edições

DESENHAR A SOENGA

Ed.
José Paiva
Sílvia Simões

i2ADS edições

Desenhar a Soenga

Editores
José Paiva
Sílvia Simões

Desenhos
Gonçalo Ribeiro
João Abel Mota
Matilde Florêncio
Marco Silva
Mónica Nóbrega

Textos
José Paiva
Sílvia Simões
Gonçalo Ribeiro
João Abel Mota
Matilde Florêncio
Marco Silva
Mónica Nóbrega

Fotografias
Flávia Lira

Edição
i2ADS – Instituto de Investigação
em Arte, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto
Av. Rodrigues de Freitas, 265
4049-021 Porto
i2ads@fba.up.pt
i2ads.up.pt

2023

Design
Joana Lourencinho Carneiro

ISBN
978-989-9049-60-4

SOENGA, PATRIMÓNIO IMATERIAL, CERTAMENTE
José Carlos de Paiva
9

AO CHEGAR AO LOCAL
Matilde Florêncio
26

A SOENGA
Gonçalo Ribeiro
40

CERTAMENTE VERÃO MAIS ATRAVÉS DOS DESENHOS
Abel Mota
82

PARA MIM
Mónica Nóbrega
92

A IMPORTÂNCIA DO DESENHO
Marco Silva
102

DESENHAR, VER E SENTIR
Sílvia Simões
125

SOENGA, PATRIMÓNIO IMATERIAL, CERTAMENTE

José Carlos de Paiva
i2ADS/FBAUP

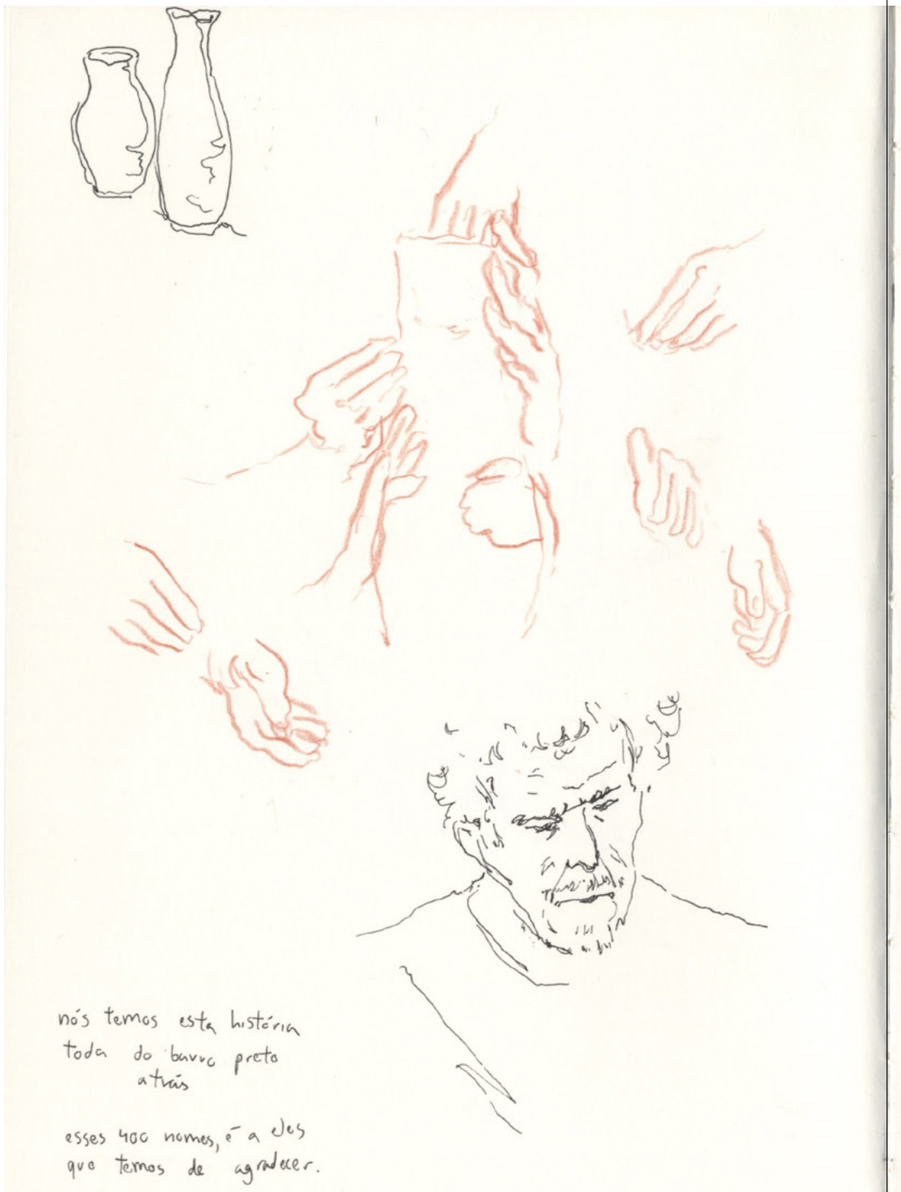
Vivemos em um mundo imperfeito,
Recheado de pessoas imperfeitas,
Então.... façamos a diferença
Claudio Torres

Os desenhos, que o livro apresenta, transportam a atenção e as emoções partilhadas no acontecimento que a comunidade de oleiros de Molelos ofereceu através da realização da Soenga de 2023, abrangendo a sua preparação e a desenforma.

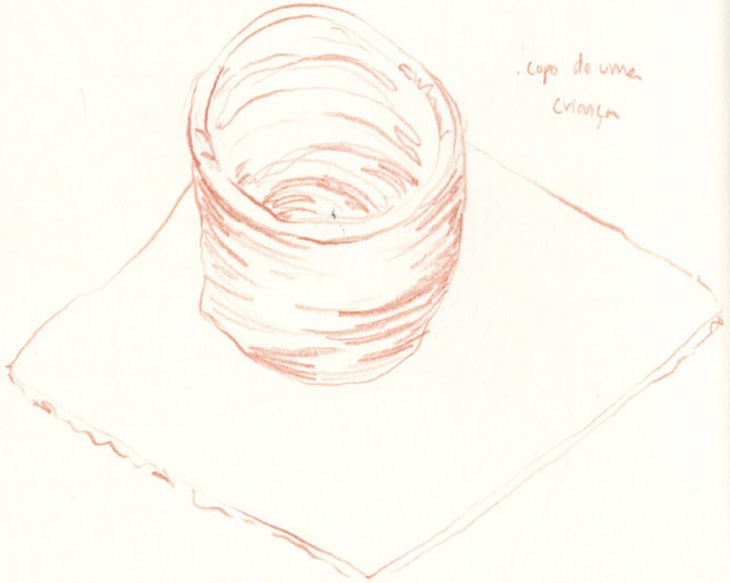
O calor da queima, o afã das oleiras e dos oleiros, as suas artes, a concentração dos olhares da população, a amabilidade dos sorrisos trocados e a camaradagem espalhada, são evidência do fulgor identitário que o património cultural possibilita e da sua importância crescente, face à voracidade dos tempos que se vivem, para a valorização do que as comunidades comportam, nos seus saberes e modos de se representarem. O processo de classificação da cerâmica negra de Molelos como Património Imaterial, integrando o Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial é uma urgência, enquanto estratégia de desenvolvimento e coesão territorial.

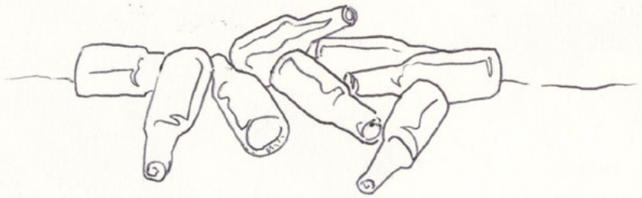
João Abel Mota

João Abel Mota


nós temos esta história
toda do barro preto
através
esses 400 nomes, é a eles
que temos de agradecer.

às cegas


copo de uma
criança



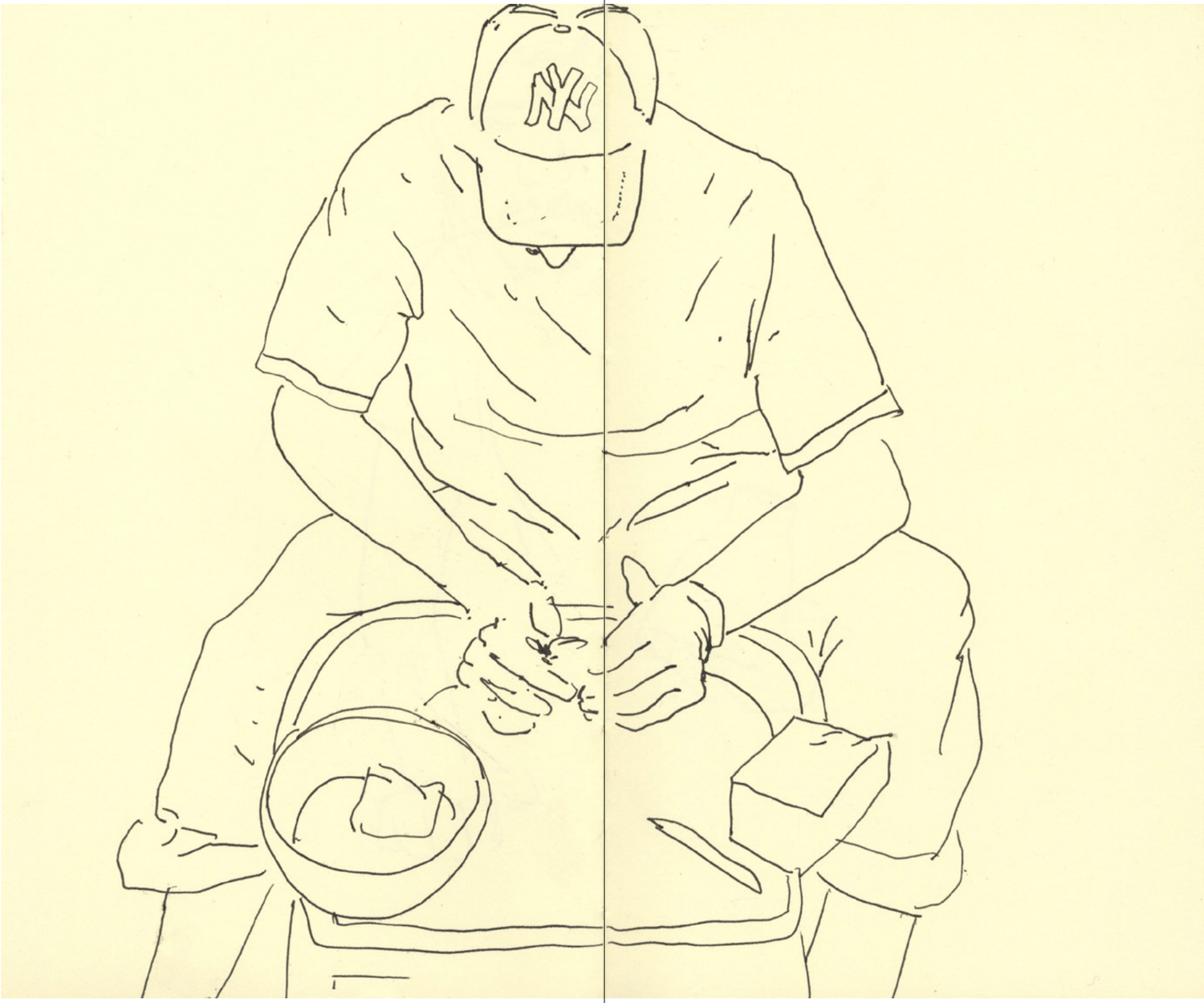
a fazer
garrotes

Matilde Florêncio

Ao chegar ao local, penso ter sido abordada por uma série de possíveis táticas, não havia propriamente nenhuma barreira no que tocava aos limites e ao tipo de resultados que eram esperados desta experiência. Assim sendo a abordagem tomada começou por ser superficial, pegar em certos pontos e marcações visuais que me saltassem mais a vista, que fossem pontos chaves para eu mais tarde olhar para os registos feitos e perceber “ah de facto era diferente”, diferente na medida de ser uma experiência nova.

Não me consigo encontrar capaz de descrever a profundamente o meu método ou linha de pensamento durante tudo aquilo que foi o processo de registo da Soenga, no entanto consigo admitir o facto de que foi tudo bastante instintivo, não havia muito tempo para uma reprodução demorada, detalhada, algo mais fiel a aquilo que os meus olhos viam. Foi a síntese que me guiou, a síntese e a capacidade de olhar para as coisas com aquilo que ouvi ser chamado de um “olhar atento”, ver com as mãos, saber registar as partes estranhas e de forma intuitiva tentar perceber qual seria o movimento seguinte, mudar a folha, compor em frações de segundo. Uma experiência interessantíssima, e é esperar que os registos realizados consigam transmitir isso mesmo.

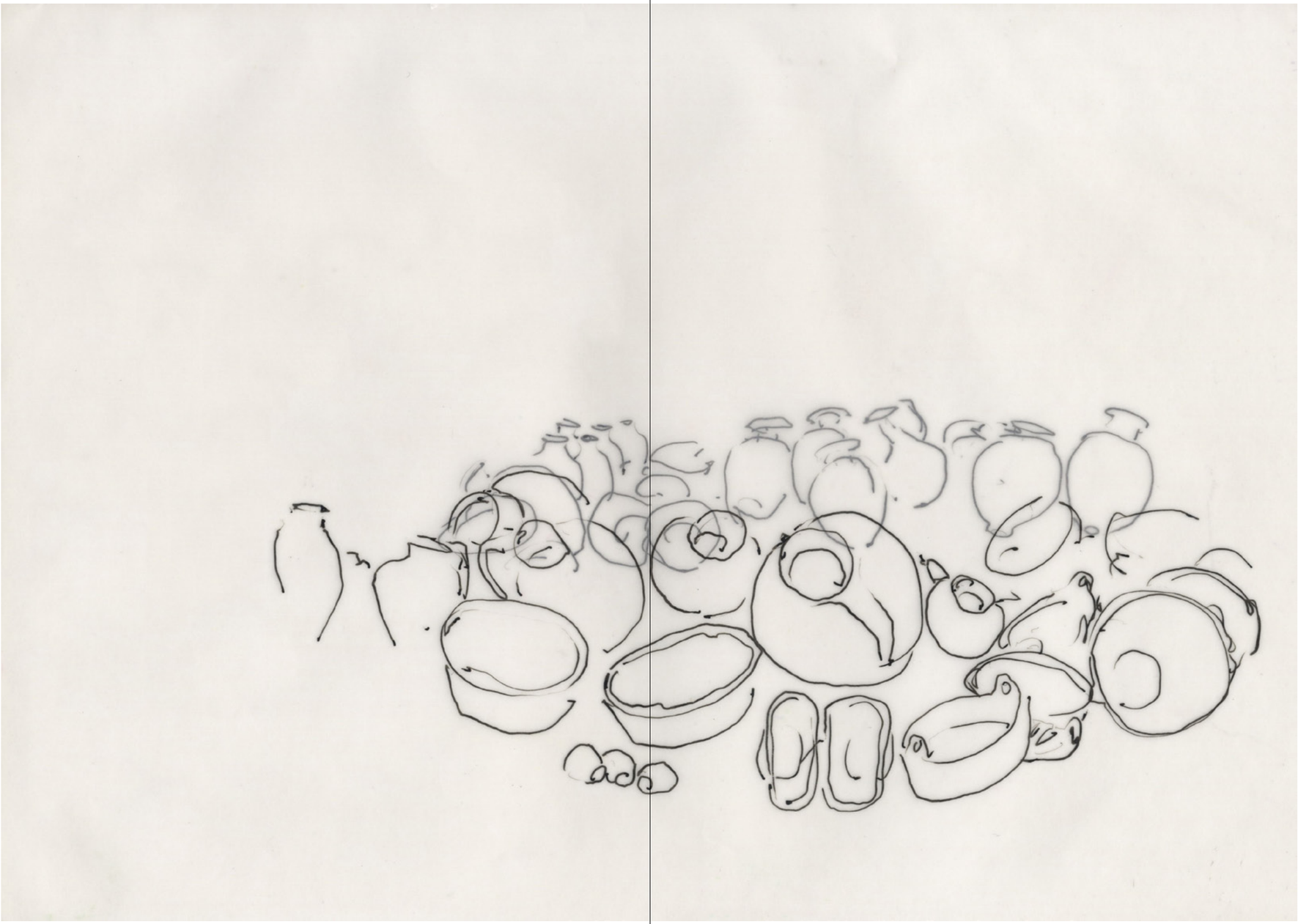
Matilde Florêncio



João Abel Mota

Gonçalo Ribeiro

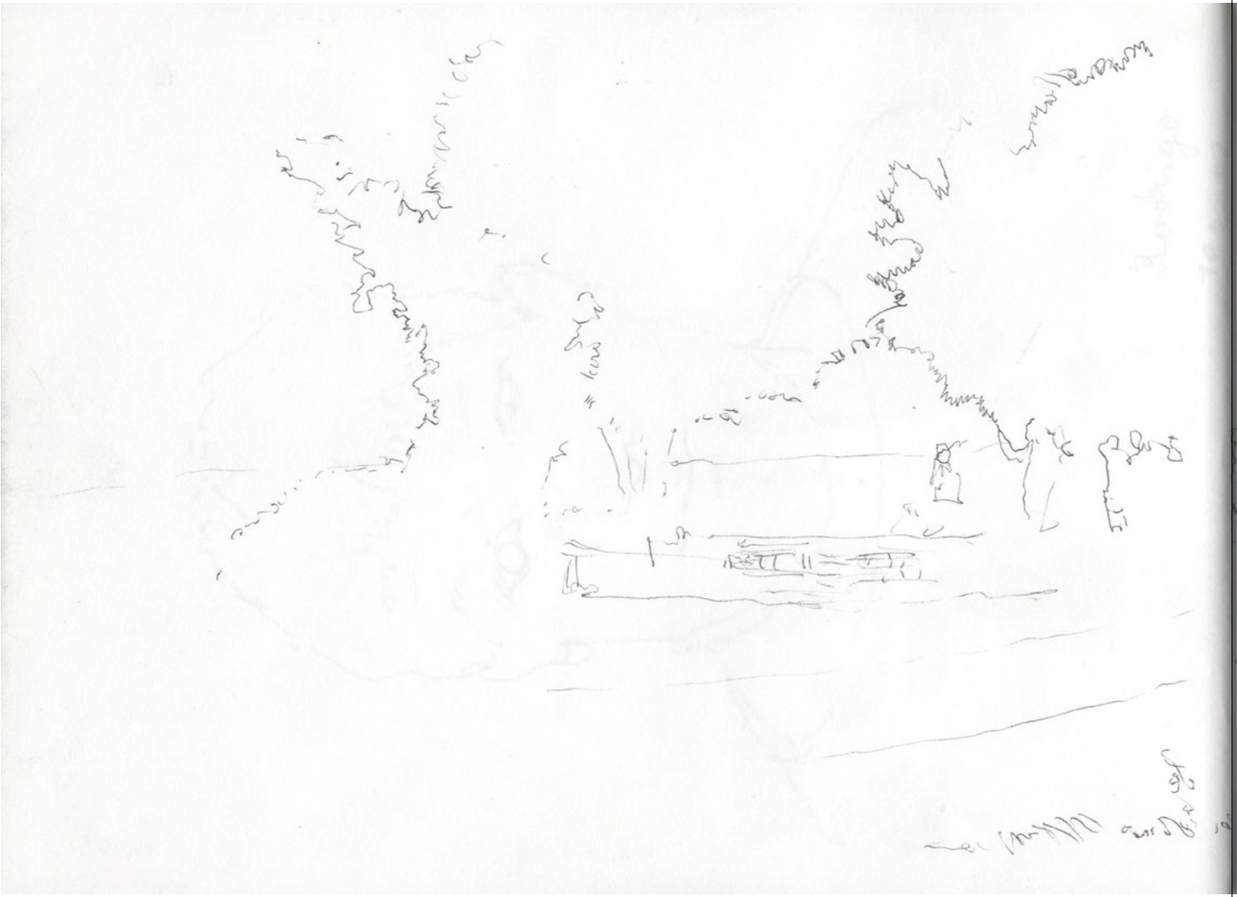
João Abel Mota



A Soenga, além de um processo rudimentar de cozedura da louça preta de Molelos, configura-se como um espaço de partilha intercultural. É uma forma de exposição ao ar livre e com plateia da identidade de um povo.

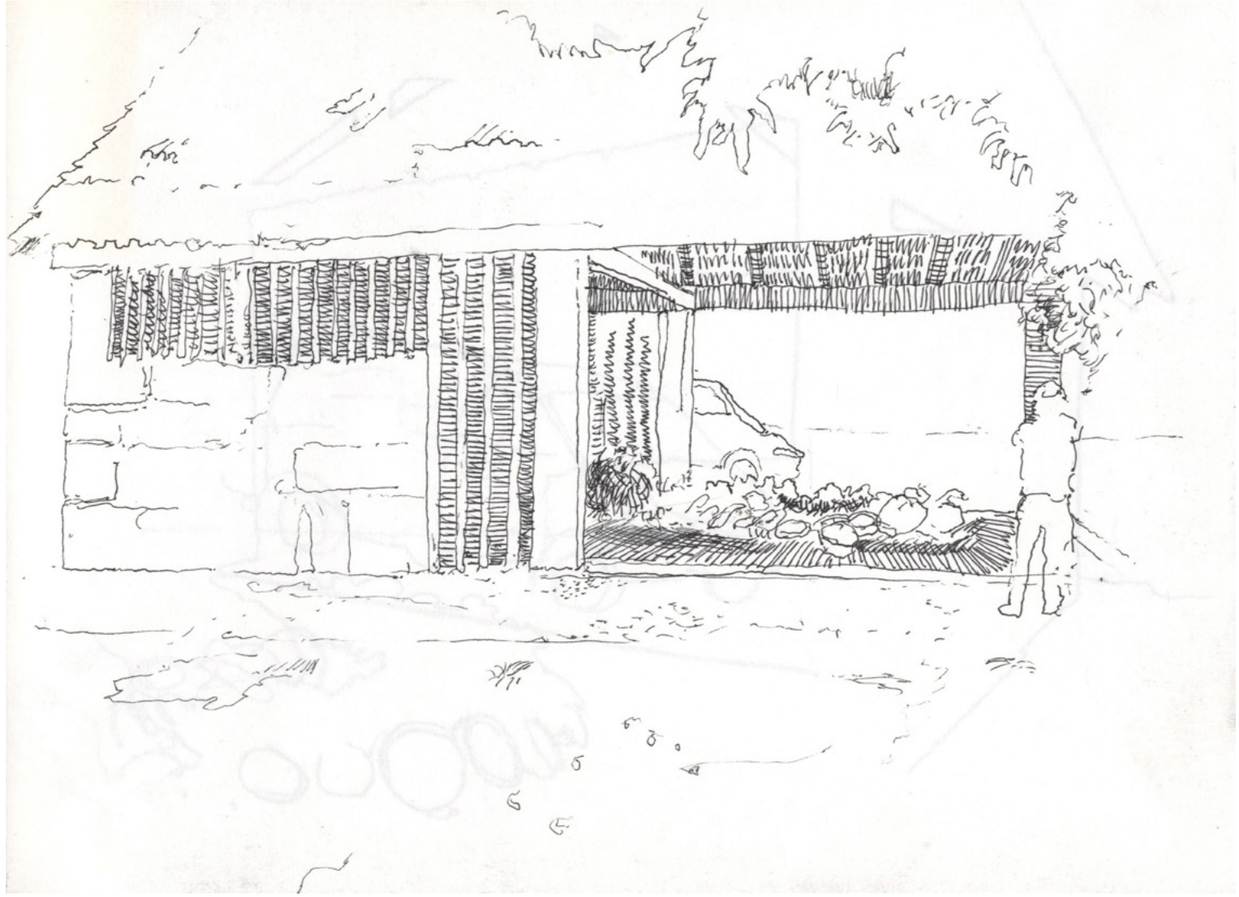
O desenho afigura-se como a união da identidade desse povo com a identidade do desenhador. Quer pela sua expressão, como pela seleção dos estímulos visuais a que se entrega, o desenho é a representação da sensibilidade da entidade que o realiza, tendo como principal instrumento a sua capacidade de atenção.

Gonçalo Ribeiro



Marco Silva

Marco Silva



Marco Silva

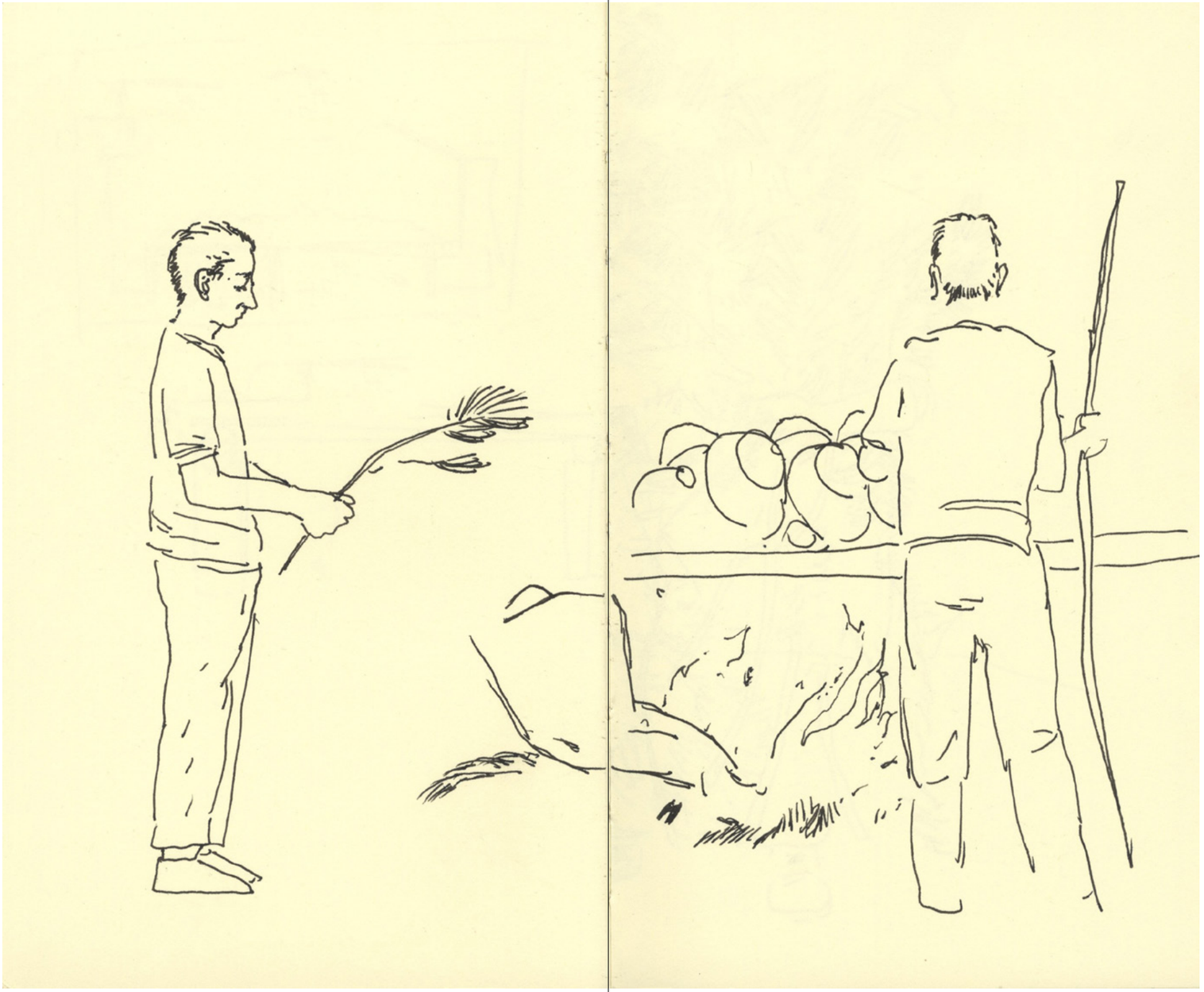
a colocar as peças

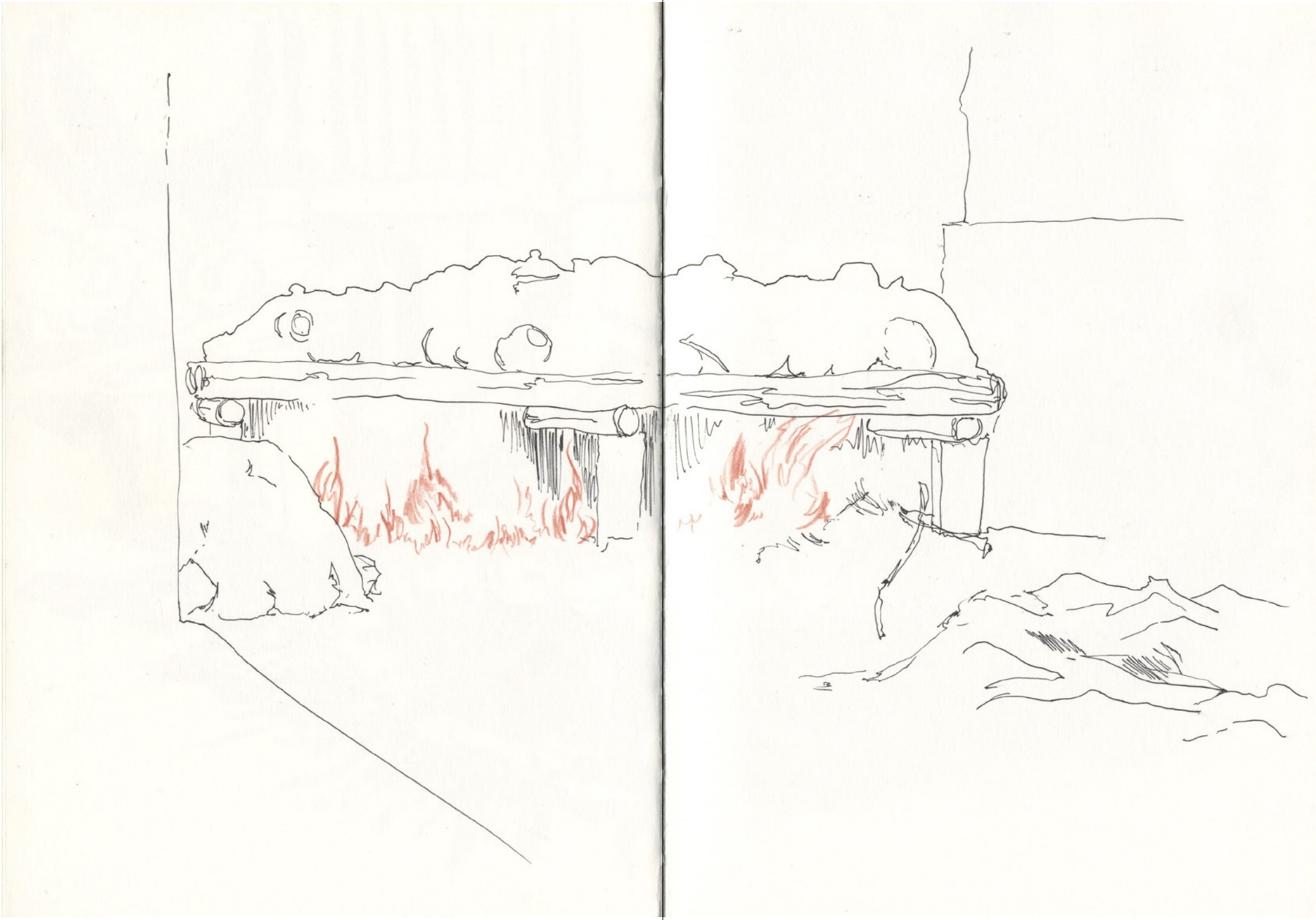
Gonçalo Ribeiro

João Abel Mota

Gonçalo Ribeiro

Marco Silva

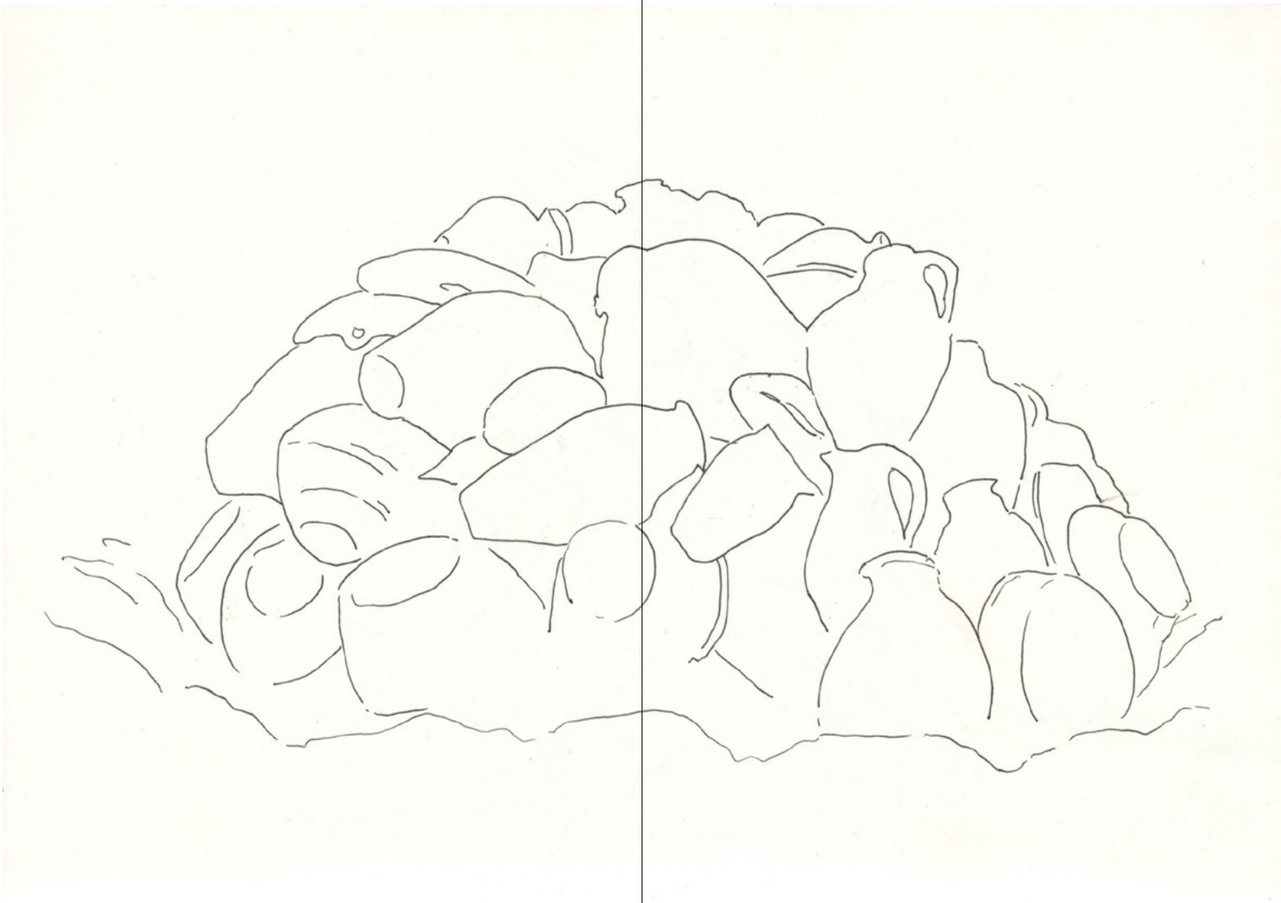




Matilde Florêncio

João Abel Mota

Marco Silva



Mónica Nóbrega

Matilde Florêncio

Certamente verão mais através dos desenhos que se encontram por este livro do que naquilo que possa aqui escrever.

Todos já sabemos que desenhar é uma forma de pensar, que desenhar é uma forma de comunicar, de representar, de conviver ou, enfim e por fim, de estar. Para mim e no dia a dia, o desenho chega a ser tudo isso e outras vezes nada disso. Aqui apenas usei o desenho, como na maior parte das vezes que o uso, para apenas poder guardar o que quero, ou seja, reter um pedaço de um tempo, de um momento, de um espaço ou de alguém que me é querido ou que me capta a atenção, sob a forma bidimensional.

Ao utilizar o desenho como forma de guardar algo, facilmente me poderiam contestar, dizendo que é mais fácil tirar uma fotografia, já que o trabalho é menor e o tempo menor ainda. Contudo, quem conta um conto acrescenta um ponto. Nada do que faço está a salvo de uma vontade ou de um impulso normal de alteração ou, se quiserem, de uma correção da realidade – uma correção pelas minhas lentes de representação de espaços, pessoas e formas de desenhar viciadas pelo meu contexto. Esta soenga não foi exceção. Guardei-a com mais atenção porque era a minha primeira soenga, e guardei-a com mais carinho porque dois dos rostos que lá estavam já não os via há mais de dois anos: a amiga Xana e o amigo Carlos.

Por isso, mostrarão melhor os desenhos o momento em que as mãos que eu vi do Carlos, depois de colocada a venda e feito cego, tatearam e modelaram a bola de barro à sua imagem mental de vaso, ficando por ouvir somente, por

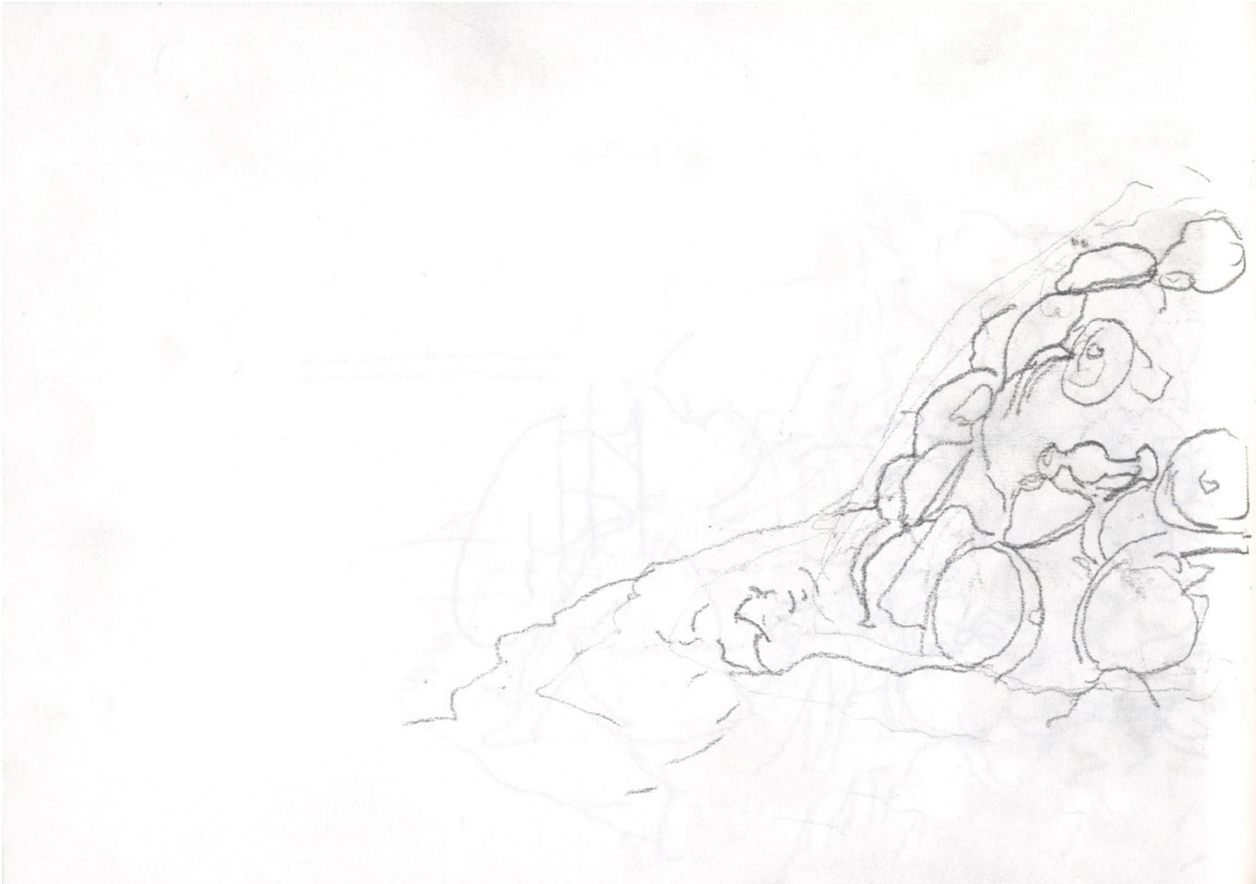
impossibilidade da bidimensionalidade, o pequeno motor da roda de oleiro. Mostram que ao seu lado ficou a Xana, que recortou outro pedaço de barro de um tarolo enquanto aguardou a sua vez de erguer a sua jarra. Daria ainda para ver o almoço que se seguiu, mas que não integrará esta publicação.

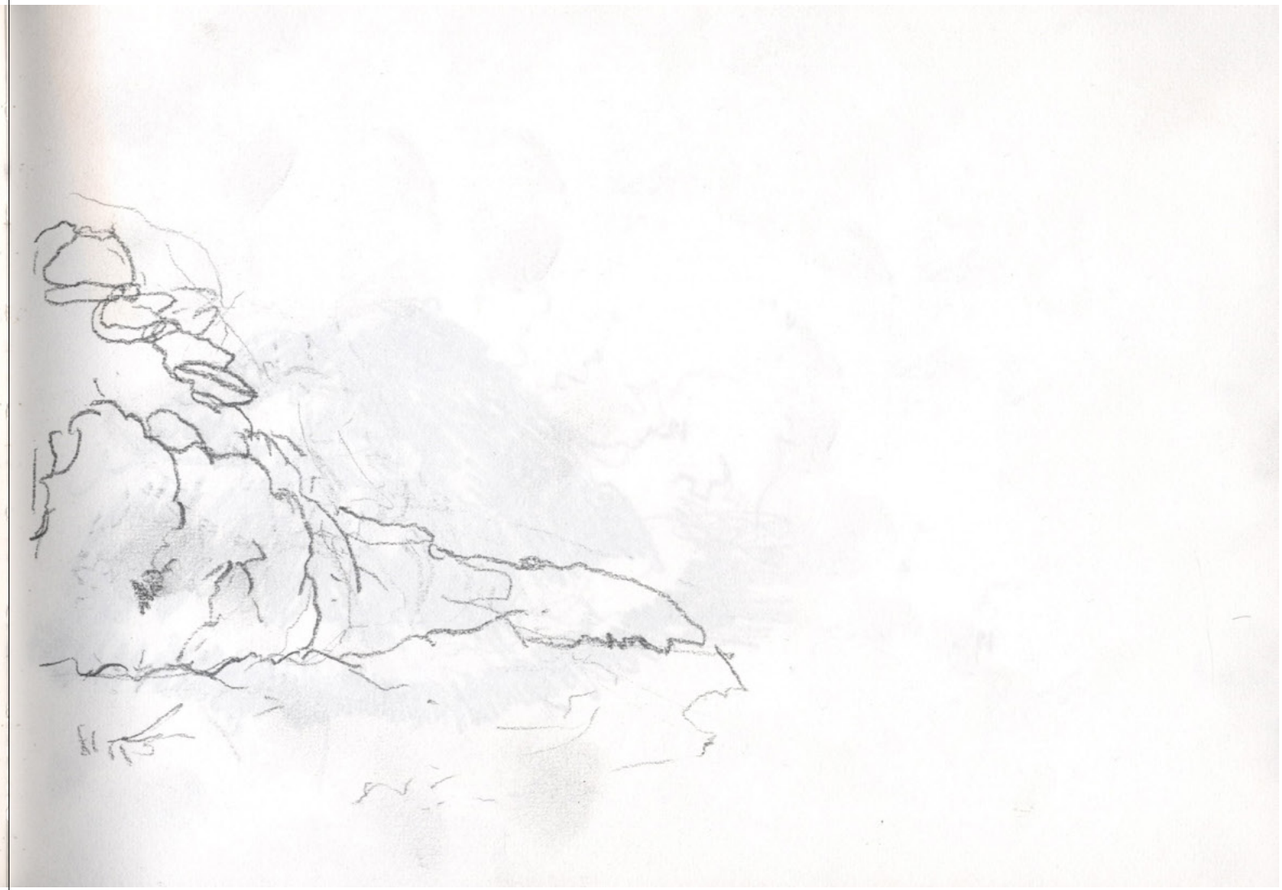
Depois, seguiam em fila, em passos, os ramos de pinheiro e pedaços de terra das florestas até à clareira para esperarem a sua função: abrigarem as cerâmicas. A Xana, coberta de um ramo largo de pinheiro, tornou-se numa árvore andante. Seguiu nessa fila até ao meio da clareira onde ficava um pequeno abrigo, construído pelo medo de uma soenga molhada e, por causa disso, adiada. Tudo estava a postos. Juntaram-se as pessoas, levou-se o barro para o fundo enquanto era uma primeira vez aquecido e, já quente, colocado todo numa colina que rapidamente se ergueu numa só montanha. Tapou-se toda essa elevação de terra e o seu cume começou a deitar fumo como um vulcão. Continuou assim durante toda a noite. De manhã, o pouco fumo que ainda saía, agora branco, misturava-se entre a leve névoa. As pessoas voltaram e retirámos a terra. Parecia que se estava a desenterrar uma nova pompeia. As negras peças são tiradas com cuidado, outras, que explodiram durante a noite, saem em cacos e perdem-se pela terra escura. Cresce em torno do vulcão desfeito uma bordeira de cerâmicas, astutamente arranjadas para serem compradas pelo público que as leva do seu oleiro.

O meu amigo Carlos ofereceu-me uma, e eu a ele um desenho.

Abel Mota

Gonçalo Ribeiro





Marco Silva

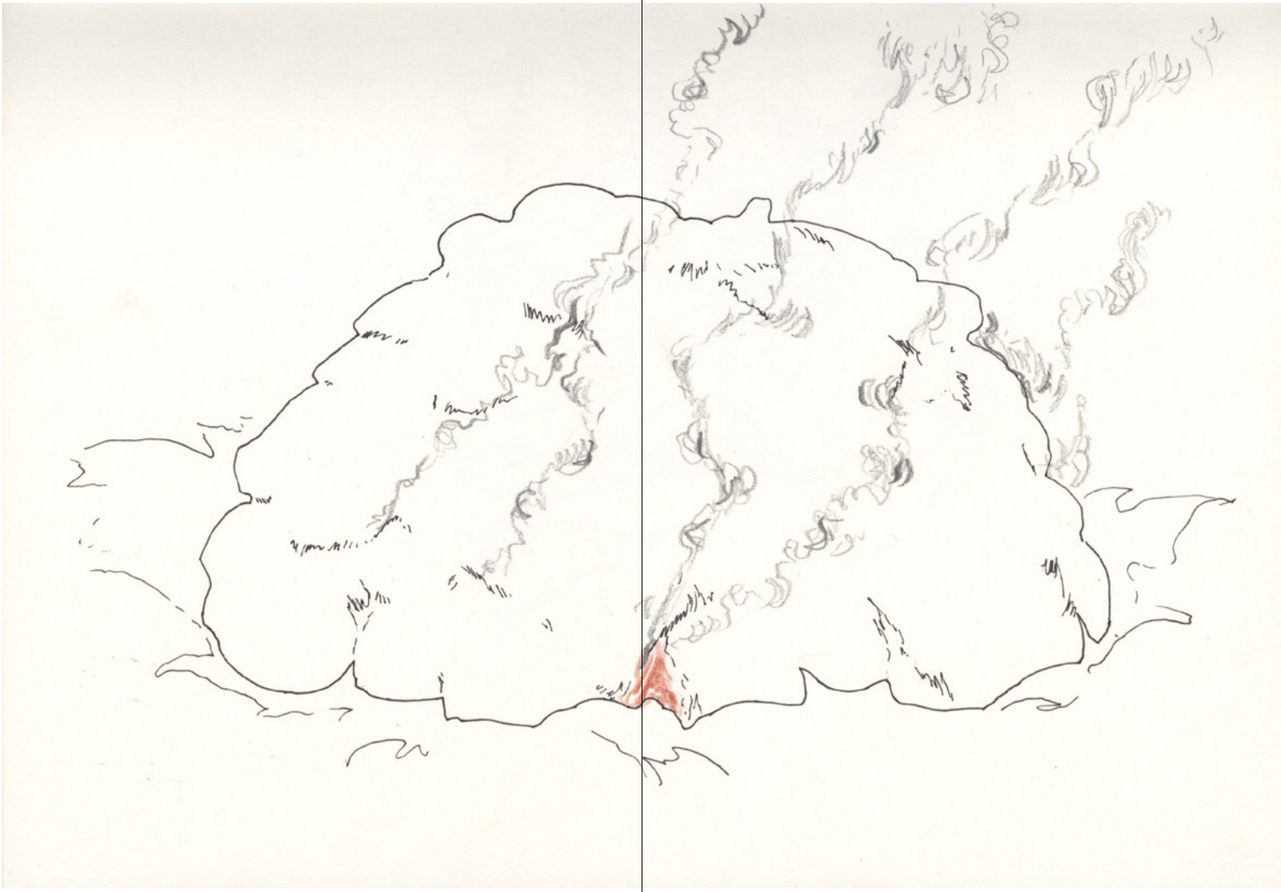
João Abel Mota

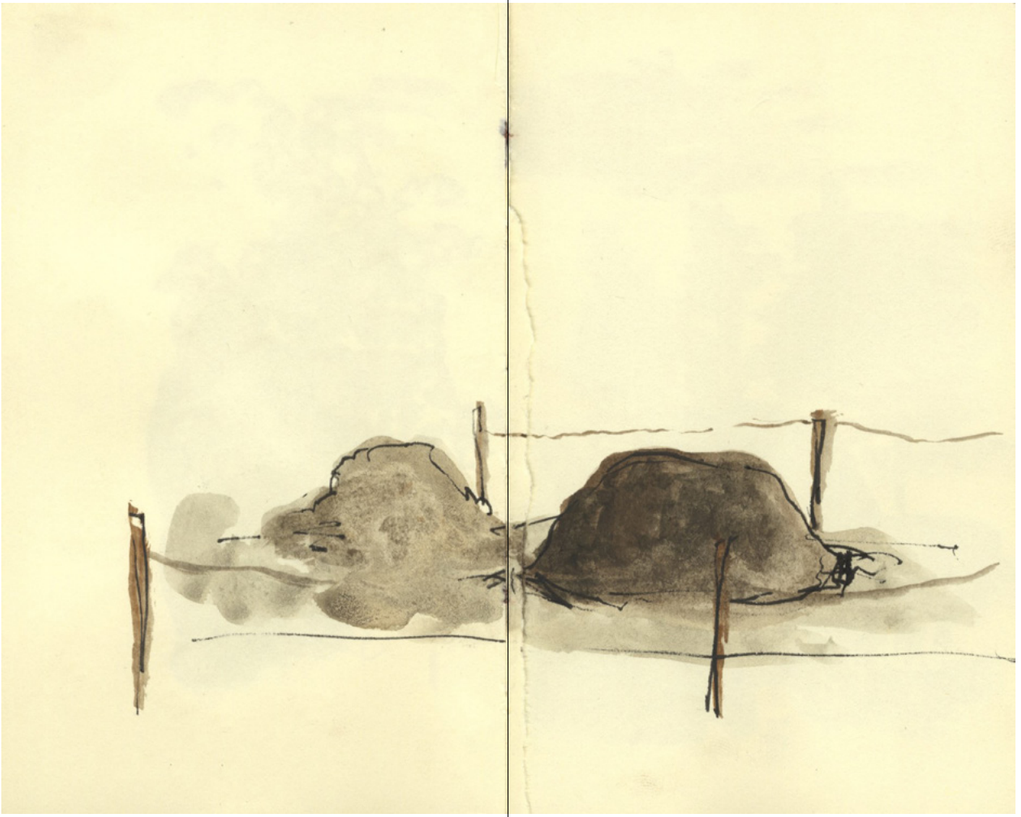
Para mim, o desenho de campo vai muito além de uma tentativa de representar o que vemos. É um instrumento de criação de ligações entre as outras pessoas e nós. No trabalho de campo, o desenhador não fica no canto das festas com os olhos fixos no caderno (apesar de haverem momentos que pedem isso), mas embrenha-se e entranha-se no meio das pessoas e do que elas dizem, comem, bebem, sentem, fazem...

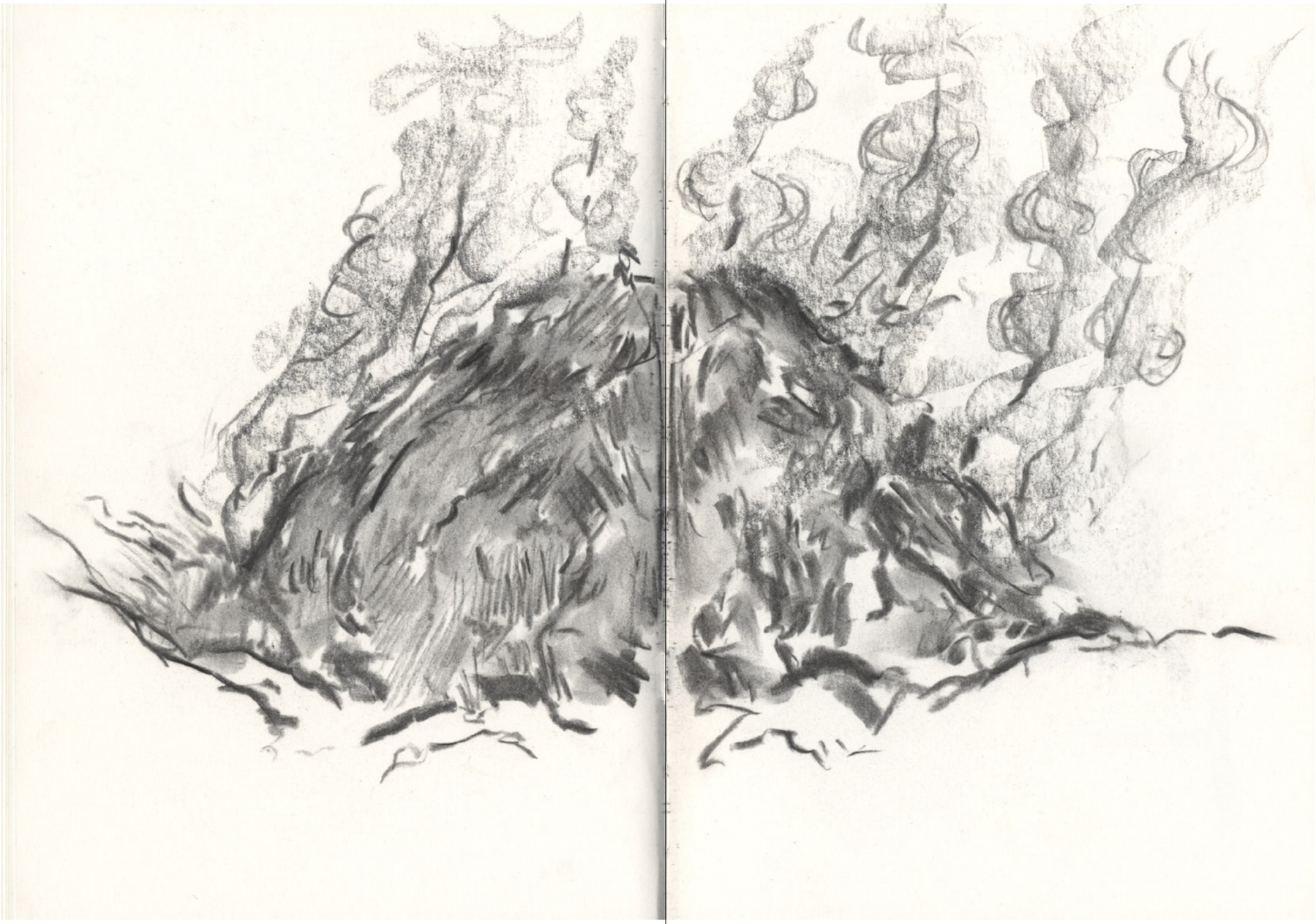
Eis a necessidade de desenhar esta inigualável celebração da Soenga, com todos os seus momentos de criação. Por volta da casa que abriga o barro preto no seu processo de cozedura, as pessoas modelam, trabalham nas rodas do barro, assam porcos, amarram garrotes e tocam música, porque a Soenga é também um pretexto para unir a comunidade de forma a que todos vejam o trabalho dos seus oleiros. Queimar os restos de humidade das peças feitas à mão, empilhá-las e tapá-las para no dia seguinte as destaparem perante os olhos de toda a gente - são estes os movimentos que apanhamos nos nossos desenhos. O ato de desenhar torna-se uma tentativa de sentir o que as mãos dos outros sentem, e imortalizar isso no papel.

Obrigada.

Mónica Nóbrega





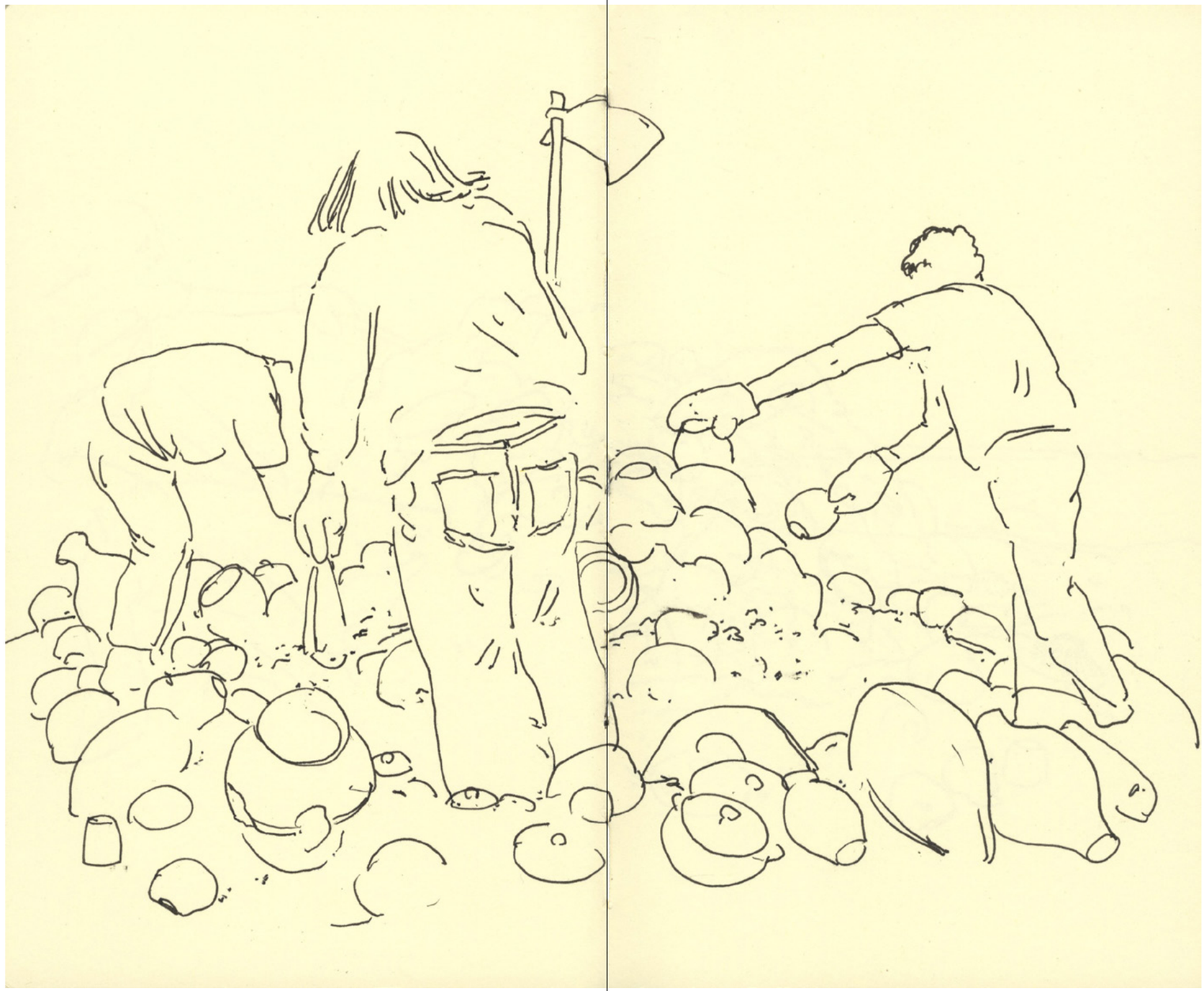


A importância do desenho e todas as suas possibilidades já foram escritas e reescritas ao longo de livros, mas parecem sempre tornar-se curtas e insuficientes para descrever o que é dito quando voltamos a fazer um desenho.

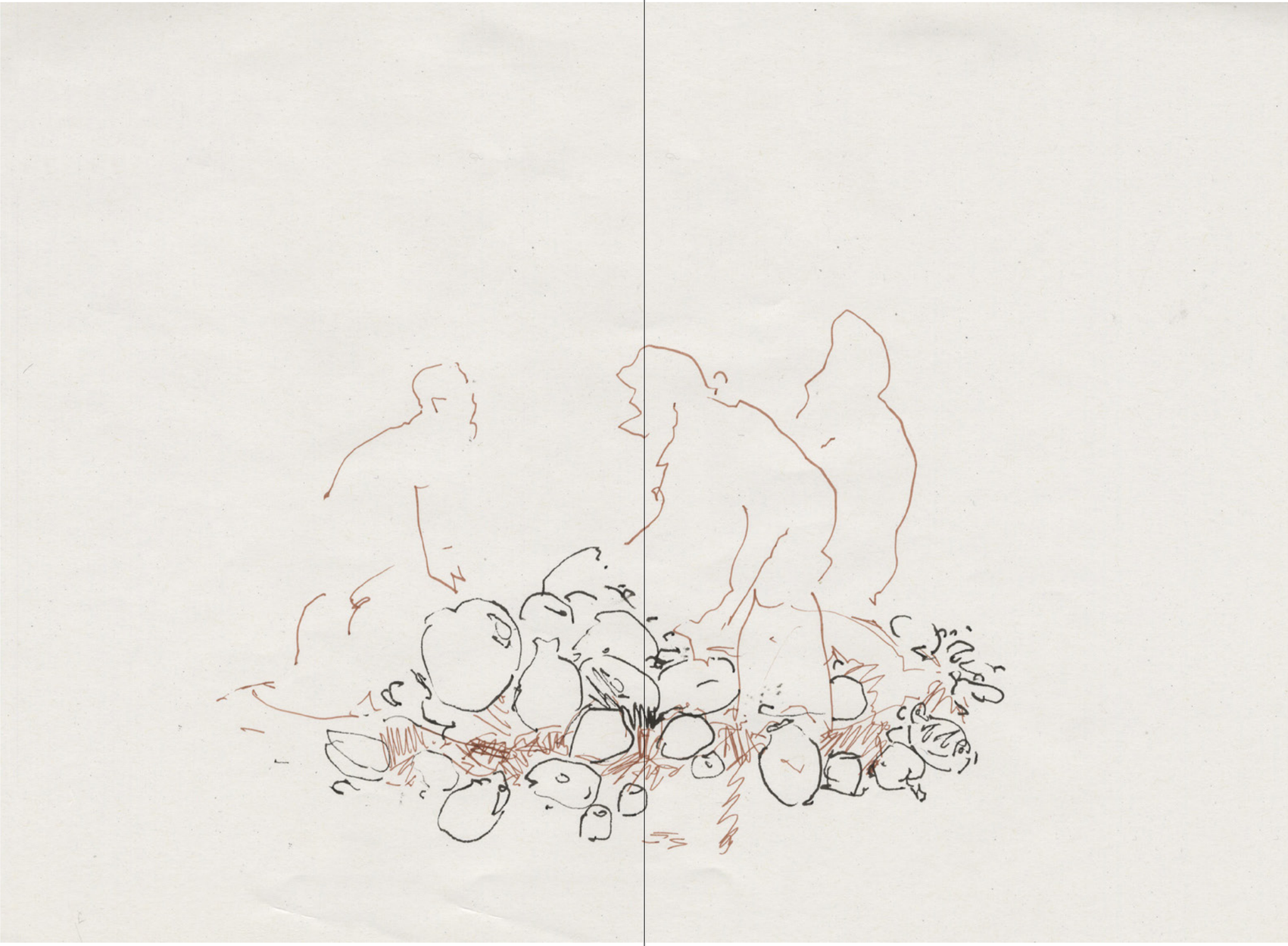
Um pedaço de carvão, dois lápis, duas canetas e dois potes com aguadas preparadas – Desenhar a Soenga. Com risco e medo de apagar os desenhos se continuar com esta escrita, retiro-me.

Marco Silva

Gonçalo Ribeiro



Marco Silva



Mónica Nóbrega

Marco Silva

DESENHAR, VER E SENTIR

Sílvia Simões
i2ADS/FBAUP

O desafio foi lançado. Convidamos 5 estudantes para irem desenhar algo que não conheciam e a que nunca tinham assistido. A Soenga. A soenga é uma cova aberta num terreno o qual o tamanho varia em função da quantidade de loiça que se pretende cozer. Todo este momento é precedido de várias fases de preparação e foi este antes e depois que foram registados pelo desenho e pela fotografia, embora neste texto só trataremos de abordar as questões relacionadas com o desenho deixando para outros autores a questão da fotografia.

Desenhar é encetar uma janela para um mundo desconhecido, onde a imaginação e a perceção se entrelaçam. Desenhar com os sentidos é ampliar essa interação. É permitir que os sentidos nos orientem para desvendar e conhecer algo novo através de uma observação atenta. Nesse processo, o gesto é um aliado que acompanha e dá visibilidade ao frenesim da ação.

Quando nos propomos a desenhar algo que desconhecemos, somos desafiados a explorar e utilizar os sentidos de forma mais ampla. Podemos fechar os olhos e deixar as pontas dos dedos deslizarem sobre a superfície, sentindo suas irregularidades e texturas, a fim de compreender as características daquilo que se deseja representar.

A audição também desempenha um papel importante nessa expedição sensorial. Ao explorar um ambiente desconhecido, podemos sintonizar nossos ouvidos aos sons que de lá emanam. O crepitar da lenha da soenga, as falas de quem trabalha para a cozedura das louças... Esses sons permitem uma ligação mais profunda com o ambiente, permitindo que nossa expressão se enriqueça com essa imersão sonora.

A visão, tem o seu lugar de destaque neste processo. Ao observar atentamente os detalhes, as formas e as cores, os movimentos, os corpos

e o espaço somos capazes de capturar o que estamos a representar.

É através dos nossos olhos conduzidos pela nossa mão que traduzimos em linhas e manchas sobre o papel o que tentamos compreender do real. É nessa procura pela compreensão visual que o gesto se torna aliado acompanhando o ritmo e a intensidade daquilo que está se observar.

Desenhar com os sentidos não é apenas representar fisicamente algo desconhecido, é antes tornar presente o que se observa atentamente. É através desse gesto criativo que o mundo desconhecido se torna familiar, e o conhecido se torna ainda mais claro. É uma forma de expandir o nosso repertório percetivo, aumentando a nossa visão do mundo abrindo portas para novas descobertas.